

APRESENTAÇÃO

São dois modos de individuação, dois modos de temporalidade muitos diferentes. De um lado, Cronos, “o tempo da medida, que fixa as coisas e as pessoas, desenvolve uma forma e determina um sujeito, Cronos é o tempo que reina no pólo paranóico: é o tempo do relógio, do calendário, do compromisso; é o tempo da memória, que faz história. O outro tempo, o outro modo de temporalidade é Aion “o tempo do acontecimento puro e do devir”, “a linha flutuante que só conhece velocidades ...”. Entrar em Aion é “cessar de ser sujeito para devir acontecimentos ...”¹.

No início era a trama, o Mundo Real, lugar além das palavras, só descrito em lalange, alíngua, língua universal buscada por Jacques Lacan e pelos psicanalistas que seguem sua escola. Neste lugar encantado, árvores são árvores e territórios são territórios. Popper fala de três mundos, um que é habitado só para os artefatos criados pela mente humana, como esta revista que acaba de nascer.

O IJKEM (“International Journal of Knowledge Engineering”) pretende, caminhando junto com seus articulistas, visitar novas visões de homem e de mundo. Trata-se de uma revista sobre o “Conhecimento” que, de acordo com Peter Drucker: “... não é apenas mais um recurso, ao lado dos tradicionais fatores de produção, trabalho, capital e terra, mas sim o único recurso significativo atualmente”.

Para o escultor Michelangelo "Tudo está dentro da pedra. Só raspamos as saliências necessárias". Platão falava de um lugar fora das cavernas da mediocridade. Gregory Bateson insiste em que o nome não é a coisa e o mapa não é o território. Falar sobre é deslizar sobre o sentido, mitologizar um fazer humano.

Uma revista sobre o conhecimento é um exercício arriscado em que, ao mesmo tempo em que necessitamos de redes especiais para capturar o que está oculto nas circunvoluções do córtex cerebral, buscando pelo significado daquilo que entendemos por compreensão, raciocínio e resolução de problemas, devemos evitar a tendência de encontrar padrões onde só exista o acaso.

O resultado desse pensar-agir-pensar origina o Mundo das Sombras, das Representações, necessárias para que comuniquemos nossos pensamentos e possamos, de alguma forma, escapar ao cogito.

Teremos, em nossa revista, seções dedicadas à **Engenharia do Conhecimento**, à construção de artefatos, engenhos, que tenham por base o conhecimento; às **Mídias do Conhecimento** que visam a preservação e a disseminação de saberes e sabores, que se encontram ameaçados pela dança vertiginosa do tempo; à **Gestão do Conhecimento**, parte em que se questiona sobre como transformar em valor concreto aquilo que é intangível e, enfim, uma seção dedicado ao **Conhecimento na Inovação** em que se inserem discussões sobre a melhor forma de construir realidades mais pacíficas, seguras e saudáveis por meio das tecnologias.

Neste primeiro número temos um artigo em inglês escrito por dois engenheiros do conhecimento, Luís Gómez e Francisco Fialho, que ensina a como (re) inventar a roda usando o que denominam por “Geometric Genetic Programming”. Junto com este, na

¹ GELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia: Rio de Janeiro, Imago, 1976.

seção de engenharia de conhecimento, Vanderlei Junior et al. nos oferecem “Microformatos: conceitos, princípios e aplicações” em que discutem como incluir semântica na internet, possibilitando que máquinas possam manipular mais facilmente as informações compartilhadas na rede.

Na seção de Mídias do Conhecimento, Richard Perassi fala de “Criatividade, Dor e Arte”. Plotino fala da arte como uma espécie de revelação divina: "as artes não imitam diretamente os objetos visíveis, mas remontam às razões de onde se origina o objeto natural". A arte intui a essência². Ainda na mesma seção, Amélia Leite de Almeida junto com Sandra Francisca nos presenteariam com “Atendimento educacional especializado para aluno com autismo: desafios e possibilidades”. O uso das engenharias e mídias para a inclusão é uma das preocupações de nossa revista.

Nas seções de Gestão do Conhecimento e Conhecimento na Inovação somos presenteados com “A percepção mercantilista da educação superior brasileira a partir da atividade das instituições privadas”, de Pedro Melo et. al e “Descoberta Baseada em Literatura: O estado da arte” de Cristiane Woszezenki e Alexandre Leopoldo Gonçalves.

Howard Gardner³ nos fala que ensinamos o que é certo: uma racionalidade, capaz de definir entre o que é e o que não é verdadeiro; o que é correto: uma ética; e o que é belo: uma estética. Erasmo de Rotterdam em seu Elogio a Loucura se antecipava a Deleuze na compreensão de que verdades são erros que o cozimento do tempo nos faz crer que sejam verdades.

Uma revista é um mundo virtual pelo qual navegamos. O poeta Yates diria que são construções complexas tecidas pelos sonhos de seus construtores. Se os deuses do Olimpo contentavam-se com a Ambrósia e o Néctar, nós, meros humanos, desejamos mais, desejamos a variedade, a surpresa, um prato sempre novo, diferente.

Deixamos de ser meros assistentes, usuários. Tornamo-nos navegadores. O info-mar é o oceano que se abre aos que velejam em busca do conhecimento. Discordamos de Fernando Pessoa. Assim como Viver, Navegar também não é preciso. Ainda que existam as estrelas e as bússolas, o desejo do navegador será sempre algo misterioso. É preciso *educar o educador* para essa nova realidade.

Se uma boa refeição demanda as mãos de um artista, é preciso outro artista para saborear, para qualificar sua obra.

²Plotino, *Ennéades*, texte établi et traduit par E. Bréhier. 7 vols. Paris, Les Belles Lettres, 1924 a 1938.

³ O Verdadeiro, O Belo e O Bom. Editora Objetiva, 1999